

# Os socialismos de Bobbio e Bresser-Pereira

---

PAULO VANNUCHI

**E**m outubro de 1994, pouco antes de assumir o Ministério da Administração e Reforma do Estado, no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Carlos Bresser-Pereira ingressou no reduzido círculo de intelectuais brasileiros que tiveram a chance de manter contato pessoal e direto com Norberto Bobbio.

Na visita que fez ao apartamento do pensador italiano, em Turim, Bresser colheu uma entrevista, publicada no caderno Mais!, da *Folha de S. Paulo*, onde a face jornalista do visitante brasileiro não conseguiu manter o distanciamento crítico que os manuais de redação recomendam. Salta à vista a admiração presente em cada pergunta, a ansiedade na busca de respostas que confirmem identidade de opiniões. Deslizes de um fã confesso.

Não que o entrevistador fosse neófito em jornalismo. Aos 16 anos, por volta de 1950, já tinha iniciado uma carreira de sete anos nessa profissão, em *O Tempo*, dirigido por seu pai, advogado e deputado estadual pelo PTB de São Paulo. O jornal pertencia a um expoente do getulismo petebista, Hugo Borghi, e tinha como secretário de redação Hermínio Sacchetta, mili-

tante comunista que foi vulgarmente caluniado pelo Jorge Amado da fase stalinista, na trilogia *Subterrâneos da liberdade*. Sacchetta despertou em Bresser o interesse pelo marxismo, mantido pelo resto da vida, mesmo durante as fases em que desempenhou atividades empresariais ou políticas muito afastadas do território conceitual dessa corrente de pensamento.

Na entrevista com Bobbio, a isenção jornalística sucumbiu diante da atração intelectual que Bresser reconheceu desde a primeira vez em que entrou em contato com o pensamento do mestre piemontês, ainda nos anos 1970.

Nosso ex-ministro da Fazenda obteve de Bobbio, nesse encontro, como verdadeiro gol de placa, uma raríssima afirmação entre suas milhares de páginas, produzidas em quase 70 anos de consistente elaboração teórica, aceitando uma plena equivalência entre o social-liberalismo de sua busca obstinada e a socialdemocracia que Bresser postula como afiliação político-ideológica: “Eu creio que a diferença não existe”.

Levou também um gol contra quando buscou a concordância do entrevistado com a crítica de populismo que o partido socialdemocrata de Bresser costuma endereçar, no Brasil, às alternativas posicionadas à sua esquerda. Norberto Bobbio reagiu: “Hoje existe uma tal admiração pela economia de mercado, que qualquer um que diga *devemos também pensar nas classes inferiores* é chamado, de modo depreciativo, de populista”.

No conjunto, entretanto, a entrevista fluiu como um bate-papo repleto de afinidades. Depois de ouvir Bobbio declarar-se sincretista e apresentar-se como “intelectual mediador”, o visitante brasileiro se concentra em perguntas que estabelecem nexos entre liberalismo e socialismo. Recebe a confirmação de que é possível um compromisso, não uma síntese, entre os dois campos teóricos que se digladiaram tão ferozmente ao longo de quase 200 anos.

Não seria fácil, nem muito inteligente, traçar um amplo paralelo entre trajetórias tão distintas como as de Bobbio e Bresser-Pereira. Um quarto de século os separa na idade, além do imenso oceano que afasta o Novo Mundo do Velho. A vastidão e a densidade da obra teórica do cientista político italiano fazem parecer covardia uma comparação com outros grandes no-

mes da universidade européia ou norte-americana. Seu engajamento direto na Resistência italiana contra o nazifascismo, com tudo o que essa experiência e os meses de cárcere promoveram em sua forma de interpretar o mundo, não tem equivalente na biografia do economista brasileiro. No mesmo sentido de diferenciação operam alguns predicados biográficos deste último, como a larga vivência empresarial e os vários postos de comando político ocupados, sem correspondentes no currículo de Bobbio.

Também não seria exato falar em “discipulato”. Na diversificada produção intelectual de Bresser-Pereira, a frequência de citações do filósofo italiano não tipifica, nem de longe, uma condição de seguidor. Mas existem pontos evidentes de contato e identidade, para além do tema deste texto, que é o empenho comum a ambos em promover algum diálogo, ou desbloqueio, entre noções que são angulares no socialismo e no liberalismo. O exercício da mediação intelectual e o sincretismo parecem estar entre esses muitos pontos de convergência.

Foi uma inserção mediadora o que Bobbio buscou em toda a sua vida, desde o ingresso na luta antifascista, em 1935, que lhe permitiu conviver ombro a ombro com os comunistas, reconhecer seu papel decisivo na Resistência e admirar seus elevados dotes éticos, sem contudo abrandar a crítica à ausência de liberdade no socialismo real sob Stalin. Mediador foi o papel desempenhado por Bobbio no imediato pós-guerra, através da Sociedade Européia de Cultura, fundada em 1950 para romper a muralha ideológica que a Guerra Fria ergueu no continente. Nesse novo engajamento, chegou a fazer parte de uma delegação italiana que visitou a China de Mao em 1955, sob ataques da direita conservadora democrata cristã.

Mediadora foi, enfim, a permanente e respeitosa interlocução de Norberto Bobbio com os teóricos do Partido Comunista Italiano, a quem dirigiu agudas interpelações, envolvendo a tensão entre democracia e socialismo no pensamento marxista – mais precisamente, entre socialismo e os direitos de liberdade –, através de uma honesta e qualificada polêmica, que gerou pelo menos dois livros: *Política e cultura*, de 1955, e *Qual socialismo?*, de 1976.

A bobbiana confissão de sincretismo e ecletismo, capaz de gerar urticárias em determinado tipo de mentalidade acadêmica, deitava alicerces em duas das noções mais centrais na construção liberal: o pluralismo e a tolerância. Em *A era dos direitos*,<sup>1</sup> Bobbio escreve que a tolerância não é apenas um método de convivência, nem apenas dever moral, mas uma atitude decorrente da natureza multidimensional da verdade. O ecletismo é associado à filosofia do “justo meio” e exemplificado com o liberal-socialismo, assim como o sincretismo está presente na aproximação entre cristianismo e marxismo que fundamenta a chamada Teologia da Libertação. Em *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*,<sup>2</sup> Bobbio volta ao tema, reafirmando que não tem qualquer dúvida em valorizar a palavra ecletismo, “que significa olhar um problema por todos os lados”.

Não é difícil localizar nos escritos de Bresser-Pereira – não em todos – um *ethos* muito semelhante. A panteísta inspiração teórica de Bobbio – que, instado a enumerar 10 autores preferidos, alinhou opostos como Hobbes, Locke, Rousseau, Kant, Hegel, Cattaneo, Pareto, Croce, Weber e Kelsen, hesitando entre incluir ou não na lista o nome de Marx – repete-se de alguma forma no amplo leque de inspiradores teóricos do economista brasileiro.

Quem seriam os 10 preferidos do homenageado deste livro? Como arrolaria ele os nomes de Adam Smith, Ricardo, Marx, Weber, Keynes, Schumpeter, Raul Prebisch, Inácio Rangel, Celso Furtado, Wright Mills, Albert Hirschman e vários outros em seu oratório pessoal? Caberiam ainda na lista nomes de sua juventude, como o do tio Barbosa Lima Sobrinho, de Jacques Maritain e Alceu Amoroso Lima? Os amigos Fernando Henrique Cardoso, Hélio Jaguaribe e Adam Przeworski entrariam no time?

Qualquer que seja a resposta, lendo os textos de Bresser-Pereira fica nítido o persistente propósito de combinar termos aparentemente antitéticos. Quase à exaustão, ele martela a necessidade de conjugar o método históri-

---

<sup>1</sup> Bobbio, 1992.

<sup>2</sup> Bobbio, 1995.

co-indutivo com o lógico-dedutivo, despertando nos fundamentalistas de cada seara a acusação de inconsistência ou superficialidade. Transita sem preconceitos entre fundamentos da economia política e da microeconomia, mesclando-os com impulsos de inovação. Não exclui, de antemão, diagnósticos provenientes de campos tradicionalmente opostos ao de seu próprio enfoque. Suas propostas acerca do Estado brasileiro desagradaram os apóstolos do tardio neoliberalismo caboclo, que rejeitam sua defesa do *welfare state* (este perdulário inveterado), ao mesmo tempo que seu grave diagnóstico a respeito da crise fiscal dos anos 1980 e 90 atraiu acusações de neoliberal, disparadas por amplos segmentos da esquerda, que nosso autor acolhe como agressões.

Em resumo, tanto em Bobbio quanto em Bresser-Pereira é fácil detectar um certo fascínio pelo paradoxo. E nenhum conceito filosófico é mais adequado do que esse para servir de portal a uma reflexão em torno do chamado liberal-socialismo, ou socialismo liberal, conforme se prefira a designação adotada por Guido Calógero e Aldo Capitini, ou a utilizada por Carlo Rosselli, para citar alguns nomes importantes do socialismo italiano nas primeiras décadas do século XX.

Para descrever essa Itália muito peculiar, berço de fórmulas políticas singulares, Perry Anderson criou metáfora preciosa: “buquê de híbridos”. Ali o marxismo não havia exibido, até então, a musculatura obtida em países como a França e a Alemanha. Já foi dito que o país não tinha passado ainda por uma experiência liberal marcante, faltando-lhe uma Reforma como a da Alemanha e uma Revolução como a Francesa.

Embora empunhado como bandeira do *Risorgimento* e da revolução liderada por Cavour, Mazzini e Garibaldi em 1848, o liberalismo não havia conseguido suplantar duas grandes forças concorrentes: o conservadorismo do Vaticano, enquistado no coração do território como poderosa força interventora, e o nacionalismo impetuoso que moveu a tarefa histórica de unificação do país, à custa de enfrentamentos armados contra franceses e austríacos. Vale lembrar que uma trágica mistura entre esses dois perigosos componentes políticos se fez presente na fórmula de Mussolini, a partir dos anos 1920. E, tudo bem medido, o *Risorgimento* restou interpretado como

uma *rivoluzione mancata* nos textos de Gramsci e da esquerda italiana posterior.

O socialismo marxista, por seu lado, refletindo a pequena densidade industrial do país e o ambiente intelectual de asfixia conservadora, havia chegado com atraso e muito confuso à região. Os primeiros divulgadores dessa corrente política, Achile Loria e Enrico Ferri, apresentavam Marx e Engels como irmãos de Darwin e Spencer, num mesmo agrupamento evolucionista. Esse gritante viés determinista seria corrigido somente a partir de Antonio Labriola (1843-1904), obra em que foi sucedido por Rodolfo Mondolfo (1877-1976), no início do século XX.

Nesse ambiente muito específico, um primeiro registro fundamental na galeria de híbridos paradoxais se vincula ao nome de Piero Gobetti (1901-26). Morto aos 25 anos, em decorrência de brutais espancamentos recebidos de bandidos fascistas enviados a Paris, onde se havia exilado, Gobetti foi um verdadeiro fenômeno intelectual, pelo brilho, pela precocidade, pela rebeldia teórica. Aos 22 anos, fundou uma revista de política e cultura, *La Rivoluzione Liberale*, onde conseguia reunir colaboradores tão opostos como Antonio Gramsci (1891-1937), nome maior do marxismo italiano, e os chamados elitistas Pareto e Mosca, vinculados a um realismo político de cariz direitista. Retribuía a colaboração de Gramsci escrevendo também para *L'Ordine Nuovo*, fundada por ele em 1919, na mesma Turim operária.

Atingindo o máximo de deslocamento à esquerda que se poderia imaginar em um liberal, Gobetti admirava Lênin e chegou a saudar o chefe da Revolução Bolchevique, de forma desconcertante, como “o maior mestre do liberalismo moderno”. Alargando uma trilha pouco desbravada que John Stuart Mill (1806-73) havia vislumbrado com certa timidez, Gobetti via o movimento operário socialista como herdeiro natural da função libertária exercida antes pela burguesia, quando de seu enfrentamento com o poder absolutista dos reis, em nome da liberdade, do pluralismo, da representação e dos direitos civis amplamente concebidos.

Também Benedetto Croce (1866-1952) desempenhou um certo papel de mestre, ou referência obrigatória para os discípulos que tentaram validar o experimento histórico liberal-socialista. Em 1900, Croce deu por encerra-

da a curta etapa marxista de sua vida e passou a firmar-se, gradualmente, como um dos mais importantes expoentes do pensamento liberal que despontaram fora do mundo anglo-saxônico. No transcurso de uma importante polêmica travada com Luigi Einaudi (1874-1961), economista que seria presidente da Itália no pós-guerra, Croce introduziu, em 1928, uma seminal distinção entre *liberalismo* e *liberismo*, considerando o primeiro um ideal ético-político e o segundo, um princípio econômico.

Na argumentação de Croce, não existia plena solidariedade entre liberalismo e capitalismo, ou sistema de livre concorrência. O liberalismo admitiria vários modos de ordenamento da propriedade, ressaltando-se o pacto fundamental de compromisso com o incessante progresso do espírito humano. Em suas palavras, “poder-se-á, com a mais sincera e viva consciência liberal, sustentar providências e ordenamentos que os teóricos de uma abstrata economia classificam como socialistas e, com paradoxo de expressão, falar de socialismo liberal”.<sup>3</sup>

Depois da revolução liberal de Piero Gobetti, a fórmula seguinte no buquê de híbridos foi o socialismo liberal, de Carlo Rosselli (1899-1937), intelectual florentino que ensinou na Universidade de Gênova e seria igualmente assassinado na França, junto com o irmão Nello, por “esquadristas” fascistas a mando de Mussolini.

Em seu principal trabalho, *Socialismo liberale*, escrito entre 1928 e 1929, quando confinado pelos fascistas na ilha de Lipari, Rosselli investe com dureza contra o marxismo, a ponto de provocar um juízo fulminante da parte do mitológico dirigente comunista Palmiro Togliatti: “*magro libello antisocialista, e niente più*”.

Para Carlo Rosselli, o marxismo é determinista ou não é marxismo, leitura refutada expressamente como reducionista por Bresser-Pereira, ao prefaciar uma edição brasileira do livro, em 1997. Algumas das mais im-

---

<sup>3</sup> Ver Rego (2001:80), referência fundamental para conhecer e compreender em profundidade a experiência italiana de aproximação entre liberalismo e socialismo. A professora da Unicamp se propôs a destrinchar esse fenômeno político como fonte de reflexões e construções teóricas que poderiam interessar a uma esquerda democrática no início do século XXI.

portantes previsões de Marx haviam sido derrubadas por um conjunto de mudanças substanciais vividas pelo capitalismo nas últimas décadas, avalia Rosselli, ecoando as formulações de Eduard Bernstein no famoso debate revisionista que sacudira a poderosa socialdemocracia alemã, na virada do século. Ao mesmo tempo, Rosselli retoma a idéia gobettiana de que o movimento operário devia ser visto como único e legítimo herdeiro das tradições liberais. A democracia é valorizada como arcabouço institucional em cujo seio é preciso promover a junção do *método* liberal com o *ideal moral* socialista.

O estatismo da União Soviética é atacado com dureza, oferecendo Rosselli como alternativa uma economia a ser estruturada em dois setores, uma vez que o capitalismo, tecnicizado e racionalizado, já conteria muitos elementos de socialismo em seu interior, permitindo antever a transição gradual e pacífica de um sistema ao outro.

Na lista de 13 pontos programáticos em que resume sua proposta socialista, Carlo Rosselli amarra com vigor, no item 5, o imperativo da conexão indissolúvel entre socialismo e democracia.

O ingresso de Norberto Bobbio nessa arena, por volta de 1935, se dá através de sua vinculação, como simpatizante, a uma célula de Giustizia e Libertá, organização política fundada pelos irmãos Rosselli no exílio francês. Ainda estreante na militância clandestina, acabou sendo detido, por uma semana, quando a rede local de G. L. foi desbaratada pelas autoridades fascistas. No mesmo ano, começou a ensinar na Universidade de Camerino e se aproximou, a partir de 1937, do movimento liberal-socialista que havia nascido na Escola Normal Superior de Pisa, tendo como expoentes Guido Calógero e Aldo Capitini.

No final de 1942, quando Mussolini se reduzia à condição de mero fantoche das forças nazistas, Bobbio torna-se professor titular na Universidade de Pádua e ingressa no clandestino Partido da Ação, fruto da fusão entre liberal-socialistas (Calógero e Capitini) e socialistas liberais (Rosselli), militância que lhe custaria mais alguns meses de prisão.

A anteposição ou posposição entre os dois termos na fórmula política não era uma questão vazia de conteúdo. De modo geral, Calógero concor-

dava com a crítica ao marxismo desenvolvida por Rosselli em *Socialismo liberal*, mas censurou-lhe não ter levado a crítica ao liberalismo igualmente a fundo. Em *Ricordi del movimento liberalsocialista*, Calógero explica:

preferíamos falar de liberal-socialismo a socialismo-liberal, para sublinhar também nos termos o fato de que a nova síntese representava o reconhecimento da complementaridade indissolúvel dos dois aspectos da mesma idéia. Nem o liberalismo era substantivo, nem o socialismo era adjetivo, mas um substantivo único, designando assim um único conceito.<sup>4</sup>

Não era fácil a tarefa de buscar uma síntese entre liberalismo e socialismo, construções conceituais que, numa visão estritamente política e didaticamente simplificadora, correspondem, a primeira, ao programa político da burguesia revolucionária antifeudal e, a segunda, ao programa político da classe operária em choque contra a burguesia já então conservadora. E não se pode dizer que tal síntese tenha sido alcançada nesse fascinante laboratório italiano.

Do ponto de vista prático, terminada a guerra, o Partido da Ação viu-se espremido entre o vigoroso crescimento dos comunistas, à sua esquerda, e a democracia cristã, entronizada no poder como direita liberal e comprometida até a medula com todos os dogmas da livre empresa capitalista. Definiu eleitoralmente e terminou por se desagregar. Pequenos círculos dirigiram-se ao PCI e a maioria abrigou-se no Partido Socialista, onde Bobbio se alojaria sem grande paixão.

Do ponto de vista teórico, as dificuldades não podem ser consideradas menores. Sendo a conjugação entre liberdade e igualdade e a antinomia entre indivíduo e coletividade dois dos alicerces mais fortes na configuração distintiva dos dois sistemas, como fundir socialismo e liberalismo sem cair numa composição desprovida de caráter? Se, por redução extrema, associarmos o liberalismo às idéias de liberdade e de indivíduo, deixando o socialismo associado às idéias de igualdade e coletividade, como embaralhar

---

<sup>4</sup> Rego, 1999:61.

os componentes da fórmula sem desfigurar, na essência, o projeto histórico socialista, ou as exigências centrais da construção liberal?

Tudo somado, a verdade é que Norberto Bobbio não levou até o fim o projeto de síntese e contornou esse impasse teórico através de um expediente engenhoso e atraente. Atribuiu valorização superior à democracia, vendo-a como o vértice mais importante de um triângulo que se pode desenhar com o socialismo e o liberalismo, e traduzindo-a simultaneamente como conjunto de regras do jogo institucional e como valor ético. Em outras palavras, uma soma indissolúvel entre componentes substantivos (os fundamentos econômicos e sociais da pretendida igualdade democrática) e procedimentais (a importância crucial das instituições políticas que caracterizam o regime democrático). Em sua leitura, a democracia do século XX já incorporava centralmente todos os pressupostos fundamentais do liberalismo histórico, sendo impossível se falar em uma democracia que não fosse liberal, ao contrário do observado no longo período em que o liberalismo hostilizou a idéia democrática e repeliu as exigências operárias de participação política.

Depois dos anos 1950, Bobbio passou a falar cada vez menos na relação entre liberalismo e socialismo, e se aprofundou na relação entre democracia e socialismo, o que obviamente não é a mesma coisa. Consolidou-se como o teórico por excelência da relação entre socialismo e democracia, mas não formulou soluções para os problemas que equacionou com maestria. Firmou-se, de fato, mais como um rigoroso questionador do que como propositor ou formulador de uma teoria política nova. Perpetrando mais um de seus notáveis paradoxos, nunca perdeu as esperanças e o otimismo quanto a possíveis saídas para o dilema que popularizou internacionalmente, eivado de realismo pessimista: *até hoje, ou democracia sem socialismo, ou socialismo sem democracia*.

Na autobiografia de 1977, recorda uma afirmação sua de quatro anos antes, um tanto desencantada, a respeito dessa tentativa: "Tanto o socialismo liberal quanto o liberal-socialismo foram construções doutrinárias e artificiais feitas no papel, mais verbais que reais". E resume o impasse: "Afirmar teoricamente que liberalismo e socialismo não são incompatíveis nada acrescenta sobre as

formas e os modos de sua possível síntese. Mais liberalismo ou mais socialismo? Liberalismo, em que medida? Socialismo, em que medida?”<sup>5</sup>

E não se furta a registrar uma das graves dificuldades da síntese, especialmente a partir das últimas décadas do século XX: “Enquanto a conjugação de liberalismo e socialismo tem permanecido uma sublime veleidade, a crescente identificação do liberalismo com as forças do mercado é uma realidade incontestável.”<sup>6</sup>

Retornando, agora, das formulações de Bobbio para as de Luiz Carlos Bresser-Pereira, em vários trabalhos dos anos 1990 o intelectual brasileiro desenvolveu reflexões em torno da possível síntese entre socialismo e liberalismo, aproximando-a, por sua vez, do conteúdo de sua autodefinição política no território da socialdemocracia.

Se o rigor interpretativo prevalece no conjunto da obra, vez por outra despontam textos ou passagens onde o autor adota um discurso livre-ensaísta que o distancia da cautela analítica sempre presente em Bobbio. Num artigo publicado pela primeira vez na revista *Lua Nova* em 1990, o PSDB de sua afiliação política como cidadão é apresentado como um partido de esquerda e moderno, enquanto o PT fica dissolvido na “velha esquerda” que criticou a aliança de Fernando Henrique Cardoso com a “direita moderada” (*sic*) em 1994, sem que sejam apresentados argumentos comprovando a veracidade de ambas as interpretações.

Algo parecido ocorre nas passagens desse mesmo texto, em que Bill Clinton é mencionado como próximo à socialdemocracia ou ao social-liberalismo, num alargamento de território que muito provavelmente não obteria concordância entre os social-liberais da primeira geração, como Bobbio ou Carlo Rosselli.<sup>7</sup> Para os dois italianos, o social-liberalismo ou o liberal-

---

<sup>5</sup> Bobbio, 1998:42.

<sup>6</sup> Apud Anderson, 1996:65.

<sup>7</sup> Eis a passagem na íntegra: “Na verdade, embora os Estados Unidos não tenham partido político socialdemocrático, a modernidade de Clinton é socialdemocrata ou, mais precisamente, social-liberal. Clinton e seus partidários são tão comprometidos com o mercado quanto com o bem-estar social. Contam com o mercado, mas também com o Estado, para coordenar a economia. Sabem que uma verdadeira democracia requer a defesa não apenas dos direitos políticos, mas também dos direitos sociais” (Bresser-Pereira, 1996:163).

socialismo sempre representaram uma alternativa socialista e, portanto, anticapitalista. Tipificar Clinton como próximo de alguma variante socialista seria algo próximo de um disparate, a menos que o socialismo fosse concebido tão amplamente – e talvez seja essa a posição de Bresser-Pereira – que perderia seu caráter essencial de alternativa histórica ao capitalismo.

O problema dessa simplificação, que reaparece em outro texto,<sup>8</sup> não está apenas em esticar o conceito de social-liberal até o ponto em que caberia nele o líder político da potência que é a própria imagem do capitalismo monopolista alçado ao estágio do fenômeno imperialista, conceituado e problematizado desde os tempos de Hilferding, Rosa de Luxemburgo e Lenin. O problema está em não se gastar uma única linha apresentando justificativas e argumentações para uma classificação tão inesperada e contrária ao senso comum das análises políticas.

É sensato inferir que, nessas passagens, fala o Bresser-Pereira militante político – do PSDB e da chamada Terceira Via, respectivamente. Estaríamos diante daqueles momentos em que as inevitáveis paixões e os legítimos interesses políticos do cidadão ultrapassam as bordas da contenção analítica. Mas, sendo a revista *Lua Nova* um conceituado veículo de debate intelectual e acadêmico, também é muito justa a reivindicação de que nosso autor desenvolvesse um pouco mais sua argumentação, evitando fechar conclusões portadoras de tão fortes implicações, sem oferecer todos os passos constitutivos de seu raciocínio.

O objetivo deste texto, entretanto, não é tecer digressões em torno de polêmicas conjunturais, fugazes e voláteis, que podem ser postas de lado em benefício da focalização de um tema estratégico – a possível composição entre socialismo e liberalismo –, que em qualquer hipótese deveria despertar vivo interesse entre todos os bons socialistas democráticos existentes no PT, no PSDB e em qualquer outro segmento político brasileiro.

Na vasta bibliografia já produzida por Bresser-Pereira, não existe ainda um trabalho que se debruce especificamente sobre o tema do social-libe-

---

<sup>8</sup> Bresser-Pereira, 2000, nota 2.

ralismo, excetuado o referido prefácio ao livro de Rosselli, onde obviamente o seu objetivo é apresentar o socialista italiano, adiantando-se às reflexões contidas na longa introdução escrita por Norberto Bobbio em 1979, texto mantido na edição brasileira do Instituto Teotônio Vilela.

Bresser escreve, nesse prefácio, que “o socialismo não será o resultado do colapso do capitalismo, mas do seu êxito”, conclusão a que chega depois de, *à la* Rosselli, ter demarcado campos com o marxismo tradicional e resgatado a célebre fórmula de T. H. Marshall sobre a evolução histórica dos direitos de cidadania:

O socialismo marxista se opõe ao liberalismo burguês e propõe não apenas a revolução armada, mas a estatização dos meios de produção. Nada podia ser mais antiliberal. Entretanto, no momento em que vemos, seguindo Marshall, os direitos civis sendo definidos pelos liberais no século dezoito, os direitos políticos pelos democratas, no século dezenove, e os direitos sociais pelos socialistas, no século vinte, torna-se claro que não há oposição mas complementaridade entre liberalismo, democracia e socialismo. Liberdade, participação política e igualdade podem em certos momentos entrar em contradição, exigirem compromissos, trade-offs, mas a lógica que une essas idéias é antes complementar do que conflitante.<sup>9</sup>

Nos demais textos, Bresser não aborda o nexo entre socialismo e liberalismo como um tema em si, enfocando os pressupostos e fundamentos de ambos os sistemas, suas possíveis convergências e suas marcantes colisões. O mais freqüente é que o assunto percorra suas análises através de duas vias distintas: quando trabalha a caracterização e evolução histórica do Estado, e quando busca definir o que seria uma esquerda moderna nos dias de hoje. E falar em “esquerda” é discorrer sobre um campo muito mais amplo e heterogêneo do que quando se trata de discutir socialismo e socialistas.

Ao abordar a crise fiscal do Estado, numa trilha aberta em 1973 por James O'Connor, nosso autor se manifesta enfaticamente contrário ao

---

<sup>9</sup> Rosselli, 1997:X-XI.

dogmatismo ultraliberal que personifica o chamado neoliberalismo, mas condena também o atraso da esquerda em reconhecer a fragilidade inerente a qualquer Estado que se torne refém do gigantismo e de um endividamento descontrolado. O Estado atual, para ser eficiente e forte, não pode admitir o sobrepeso atingido no estatismo da experiência comunista e nem mesmo o observado na história da socialdemocracia européia no poder.

Esse *approach* atravessa vários capítulos de *Crise econômica e reforma do Estado no Brasil*, onde estabelece como objetivo “obter um Estado social-liberal menor, porém mais forte e flexível, um Estado que se pareça mais com um tigre jovem e ágil do que com um elefante velho e balofo”.<sup>10</sup> Seis anos depois, em um de seus trabalhos mais recentes, o Estado social-liberal aparece não apenas como objetivo, mas como algo que já se vem impondo historicamente na virada do século XXI, depois da fragilização da experiência histórica socialdemocrata e do fracasso da ofensiva ultraliberal do último quarto de século, travestida de neoliberalismo.

Nesse texto inédito, ainda em inglês sob o título *Democracy and public management reform*, Bresser arremata e dá polimento a uma reflexão desenvolvida em vários trabalhos anteriores sobre a evolução do Estado, onde ordena e conceitua a transição do Estado liberal para o Estado social (ou socialdemocrata), e considera que nas últimas décadas vem emergindo, como passo seguinte, o Estado republicano, correspondente a um novo ciclo de valorização do espaço público, em resposta à privatização do Estado que marcou a agonizante onda neoliberal.

Por que esse Estado deve ser chamado social-liberal, além de democrático, pergunta e responde Bresser: é social porque comprometido com os direitos sociais; é liberal porque crê nos mercados e na competição mais do que o fez o Estado socialdemocrata; é republicano porque mobiliza as virtudes cívicas de seus cidadãos para evitar sua captura pelos interesses privados.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Bresser-Pereira, 1996:22.

<sup>11</sup> Bresser-Pereira, 2004:3, 45, 46, 162, 163 e 164.

Quando utiliza a via da reflexão sobre o que é uma esquerda moderna, para focar o social-liberalismo, Bresser costuma levar em conta as formulações de Bobbio, para quem a esquerda se define por priorizar a luta pela igualdade e pela justiça social. Mas agrega a elas um complemento atraente: é de esquerda quem admite arriscar a ordem na busca da justiça social, enquanto é de direita quem prioriza a ordem em relação à justiça social.<sup>12</sup>

Nessa acepção ampla a respeito da esquerda, é claro que as definições políticas se tornam mais abrangentes, facilitando a construção de tópicos do compromisso pretendido. Mas não de maneira totalmente convincente. O propósito trilhado é meritório. Bresser costura em suas proposições *inputs* colhidos de teóricos que nunca foram socialistas, como Michael Walzer, por exemplo, com sua “igualdade social complexa”, tecendo uma rica e eclética composição que aglutina sensibilidades distintas, agrupáveis num vasto campo de forças progressista, de esquerda, democrático, republicano, defensor do Estado social e dos direitos humanos.

Mas cabe muito bem perguntar: onde entra, precisamente, socialismo nisso tudo?

O esforço de alargamento do conteúdo do que seja socialismo, realizado por Bresser-Pereira, não teria ultrapassado os limites da descaracterização completa?

Fique consignado aqui um desafio para sua exuberante elaboração teórica nos próximos anos: o que é, afinal de contas, o socialismo para Bresser-Pereira?

Estudando seus textos, fica clara, claríssima, sua autodefinição política como socialdemocrata, “que se tornou social-liberal republicano na virada do século”. Mas fica claro, ao mesmo tempo, que não está presente em suas reflexões a rejeição ao sistema capitalista que caracterizou várias correntes socialistas ao longo da história, inclusive o seu inspirador Carlo Rosselli. Bresser condena injustiças, desigualdades, a pobreza. Não condena o capitalismo como modo de produção nem como formação social.

---

<sup>12</sup> Bresser-Pereira, 1997:2-3.

Já foi citada, aqui, uma passagem em que o socialismo é apontado como fruto do êxito do capitalismo, não de seu colapso ou esgotamento. Haveria nisso uma pretensão de compatibilizar termos não compatíveis? Num de seus textos livre-ensaístas, essa mesma tônica é retomada: “Na verdade, direitos individuais e direitos sociais, liberalismo e intervencionismo moderados, capitalismo e socialismo democrático são valores e instituições mais complementares do que conflitantes”.<sup>13</sup> Sempre que descreve a sua nova esquerda, Bresser reitera a valorização do mercado como principal força indutora do crescimento econômico, embora não possa ser liberado de todos os controles, como pretendem os neo ou ultraliberais.

Mas parece seguro afirmar que seus textos não elucidam, de fato, o que é socialismo para ele. Deixa claro o que o socialismo não pode ser: estatismo, dirigismo burocrático centralizado, eliminação da propriedade privada. Também fica mais ou menos claro que Bresser gosta de reafirmar, de alguma forma, um posicionamento favorável ao socialismo. Assim, no referido artigo de *Lua Nova*, de 1990, reitera que “é essencial ter um socialismo democrático no horizonte”, mas opina no sentido de que não existe alternativa ao capitalismo hoje, cabendo à nova esquerda a tarefa de administrar o capitalismo de forma mais competente e justa do que fazem os conservadores.<sup>14</sup>

Num trabalho de 1996, encontramos novamente a idéia de complementaridade entre capitalismo e socialismo:

Os socialdemocratas modernos, que estou identificando com a esquerda moderna, aproximam-se cada vez mais de uma perspectiva social-liberal e mesmo de uma visão liberal-democrática, na medida em que privilegiam a alocação de recursos por meio do mercado, estimulam o individualismo – entendido como consistente com os direitos sociais – e vêem uma clara separação entre a sociedade civil e o Estado como essencial à democracia. Mas, em contraste com os conservadores, inclusive os liberal-democratas, os socialdemocratas e também os social-liberais são mais com-

---

<sup>13</sup> Bresser-Pereira, 1997:11.

<sup>14</sup> Bresser-Pereira, 1996:156 e 162.

prometidos com a equidade e têm como utopia pessoal algo como um socialismo democrático ou como um mercado relativamente autocontrolado, em que o terceiro setor das organizações públicas não-estatais é cada vez mais significativo. Nesse quadro, o capitalismo, apesar de todas suas deficiências, pode ser a forma mais eficiente de atingir essa utopia, embora com ela não deva ser confundido.<sup>15</sup>

Entonação semelhante está presente em “A nova esquerda: uma visão a partir do sul”, onde esboça muito vagamente algumas idéias sobre o que seria o seu socialismo:

A Nova Esquerda mudou ao longo dos anos. Agora, a Nova Esquerda que emergiu da crise do Estado e do colapso da União Soviética de 1989, e que ganhou eleições, ainda visa ao socialismo, mas freqüentemente evita a palavra, dada a sua conotação estatista. O socialismo democrático segue sendo um objetivo, mas o socialismo é definido em novos termos, enfatizando seu caráter radicalmente democrático. O socialismo será consistente com um sistema econômico de mercado coordenado, onde prevalece um sistema democrático, uma vez que somente através da igualdade política será possível alcançar ampla igualdade de oportunidade e a proteção aos incapazes de competir no mercado – as duas características que distinguem o socialismo. É por isso que, seguindo Carlo Rosselli e Bobbio, tenho identificado a Nova Esquerda e a nova socialdemocracia com o liberal-socialismo ou o social-liberalismo. A Nova Esquerda parte do pressuposto de que a economia de mercado não será, necessariamente, uma economia capitalista. O capitalismo já mudou imensamente e continuará a mudar. Assim, alguma forma de socialismo democrático poderá materializar-se no futuro.<sup>16</sup>

Em síntese, encontramos em Bresser-Pereira esparsas e genéricas formulações a respeito do que seria um socialismo viável no século que se

---

<sup>15</sup> Bresser-Pereira, 1996:197.

<sup>16</sup> Bresser-Pereira, 2000:12-13.

inicia. Os termos e argumentos com que são construídas podem suscitar reações muito distintas. É certo que, dos redutos marxistas ainda presos às matrizes dogmáticas prevalecentes durante o século XX, surgirão respostas ásperas. Mais simpatias elas podem encontrar entre aqueles que levam a fundo as lições de humildade emanadas das “duras réplicas da história”, que Bobbio gostava de exhibir a seus interlocutores marxistas, fazendo o balanço da experiência comunista. Estes reconhecem que o socialismo não pode ser pensado mais a partir de um caminho único e de uma única matriz filosófica, como ponderou Rosselli.

Este segundo grupo tende a considerar válida, embora insuficiente, a tática utilizada pelos fabianos ingleses na virada dos séculos XIX e XX, de levar “dois ou três grãos de socialismo” (Bernard Shaw) a quantos destinatários se possa imaginar. Nessa perspectiva, o esforço recente de Luiz Carlos Bresser-Pereira em favor da síntese liberalismo-socialismo deve ser saudado com entusiasmo. Mas cabe ponderar que o seu grau de crítica ao capitalismo não pode ser comparado ao de seu inspirador Rosselli, e reafirmar que a consistência teórica de seu projeto ainda depende fortemente de que nos apresente – aos seus alunos, leitores e amigos – uma reflexão mais fundamentada e extensa sobre o que entende por socialismo hoje.

### Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *Zona de compromisso*. São Paulo: Unesp, 1996.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. 2. reimp. São Paulo: Unesp, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Diário de um século: autobiografia*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Bobbio defende “compromisso” entre liberalismo e socialismo. *Folha de S. Paulo*, 5 dez. 1994. Caderno Mais!
- \_\_\_\_\_. *Crise econômica e reforma do Estado no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo. *Lua Nova*, n. 39, 1997.

\_\_\_\_\_. A nova esquerda: uma visão a partir do sul. *Revista de Filosofia Política, Nova Série*, v. 6, 2000.

\_\_\_\_\_. *Democracy and public management reform*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. *O liberalismo: antigo e moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

REGO, Walquíria G. Domingues Leão. *Paixões civis e intelectuais empenhados*. Tese (Livre-Docência) — Campinas, Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Em busca do socialismo democrático*. Campinas: Unicamp, 2001.

ROSSELLI, Carlo. *Socialismo liberal*. Brasília/Rio de Janeiro: Instituto Teotônio Vilela/Zahar, 1997.

VANNUCHI, Paulo. *Democracia, liberalismo, socialismo e a contribuição de Norberto Bobbio*. Dissertação (Mestrado) — São Paulo, USP, Departamento de Ciência Política, 2001.